

## DIÁLOGOS SOBRE A HISTÓRIA DA ARQUITETURA ESCOLAR

### Entrevista com Anne-Marie Châtelet

**Marcus Levy Bencostta**\*

**Revista Linhas:** *Antes de iniciar nosso diálogo, peço a gentileza da colega falar um pouco da sua formação acadêmica a qual levou a se tornar uma pesquisadora respeitável de um tema tão interessante como é o da história da arquitetura escolar.*

**Anne-Marie Châtelet:** Após obter meu diploma de arquiteta decidi fazer uma tese, e para justificar a escolha do objeto de pesquisa, arquitetura escolar, foi necessário retornar ao final dos meus estudos de graduação. Foi em 1981 que obtive o grau de arquiteta ao concluir minha monografia na *École National Supérieure d'Architecture de Versailles* (ENSAV – França), que tratava da influência de E. E. Viollet-le-Duc (1814-1879) sobre as construções parisienses, entre os anos de 1880 a 1914. Durante a pesquisa, em 1979 – ano de comemoração do centenário de sua morte, descobri a importância desse arquiteto ao me interessar para o que poderia ser entendido como interpretações de sua obra teórica.<sup>1</sup> Contudo, o tema de minha pesquisa se revelou decepcionante. A paisagem urbana de Paris apresentou poucos vestígios de sua influência: encontrei uma centena de edifícios assinados por arquitetos marcados pelo movimento *Art Nouveau*, tais como, Hector Guimard (1867-1942), Herscher Ernest (1868-1937), Jules Lavirotte (1864-1929), Charles Plumet (1861-1928), Henri Sauvage (1873-1932), dentre outros. Conclui, então, que a adesão de alguns arquitetos parisienses às teorias de Viollet-le-Duc foi particularmente visível nos edifícios públicos, nas escolas ou nas prefeituras, cujas construções estavam sendo efetivadas naquele período.

---

\* Professor Associado da Universidade Federal do Paraná, onde atua como docente da Linha de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação. É coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHArqE) e bolsista produtividade em pesquisa do CNPq.

<sup>1</sup> Viollet-le-Duc. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1980, 490 p. (Catalogue de l'Exposition qui eut lieu aux Galeries Nationales du Grand Palais du 19 février au 5 mai 1980). Email: marcus@ufpr.br

Assim, a opção por investigar as escolas de Paris do início da Terceira República como objeto de tese de doutoramento não foi guiada, como se poderia imaginar, por um interesse inicial pela pedagogia, mas por uma fascinação que tinha pelas fachadas desses edifícios públicos. Esta opção também se deu pelo interesse em aproximar-me de um conjunto de construções similares que foram projetadas por um grupo de arquitetos em um período relativamente curto, 1870-1914. Eles constituíam um *corpus* documental que dialogava perfeitamente com a história da arquitetura que eu desejava abordar: o que é comum, ordinário; o que representa parte dominante da produção construída e da atividade profissional e reflete os traços marcantes da sociedade contemporânea.

Uma outra razão para a minha escolha foi a admiração pela atuação modesta e discreta desses arquitetos de escolas exercerem seu ofício e a curiosidade pelos caminhos que os conduziram até lá. Assim, eu procurava entender os caminhos da arquitetura escolar pelo desejo de descobrir porque ela era “*viollet-le-ducienne*”, e como a partir dos construtores desses edifícios seria possível compreender qual contexto da ação desses arquitetos que, aliás, até hoje, permanecem no anonimato.

**Revista Linhas:** *Bastante interessante ter conhecimento do seu início de carreira acadêmica. Feitas as apresentações iniciais, minha primeira pergunta faz referência a sua tese de doutoramento (1997) “Les écoles primaires construites à Paris 1870-1914: définition et élaboration d'un équipement”<sup>2</sup>. Nela é defendida a ideia que a escola pública francesa e os seus edifícios foram marcados, em especial, pelos projetos de nação construídos pelo Estado durante o regime da Terceira República Francesa, algo que lembra um pouco a realidade do Brasil no final do século XIX, quando da instalação do nosso próprio regime republicano. No caso francês, os debates entre educadores, médicos, higienistas e arquitetos foram cruciais na construção de um discurso arquitetural que contribuiu na formação de um novo cidadão que fortaleceria o pensamento republicano. Como a colega entende a contribuição desses personagens (educador, médico e arquiteto) da segunda metade do século XIX e início do XX para as políticas públicas de construção de escolas?*

**Anne-Marie Châtelet:** No meu doutorado estava interessada em discutir as relações entre os

---

<sup>2</sup> Publicada como *La naissance de l'architecture scolaire. Les écoles élémentaires parisiennes de 1870-1914*. Paris: Honoré Champion, 1999.

arquitetos e os educadores por meio das associações existentes entre os programas de arquitetura e os métodos pedagógicos. Eu tentei entender as pedagogias sobre as quais o Ministério da Instrução Pública se apoiava para definir um quadro arquitetural escolar francês. A resposta foi mais simples do que se poderia esperar. Na verdade, o ministério não tomou partido claramente frente ao dois métodos em uso no século XIX, o método mútuo e o método simultâneo, mas baseou-se em ambos. No final do século XIX, os irmãos das Escolas da Doutrina Cristã parecem ter ganho a disputa. Seu método que preconizava a separação das crianças em três divisões, de acordo com seu nível de aprendizagem, era constituído por classes de 50 alunos que de modo simultâneo recebiam a mesma educação. No entanto, na França foi o método mútuo que definiu o Regulamento para a Construção e Mobiliário de Casas Escolares, promulgado em 1880.<sup>3</sup> Ele foi inspirado por aquilo que Michel Foucault chamou de "regras das localizações funcionais", como um "modo de codificar o espaço que a arquitetura deixou pronto para múltiplos usos."<sup>4</sup> Esta regra foi o cerne do método mútuo, essencial para assegurar o controle de centenas de alunos que eram chefiados por um mestre e assistidos pelos melhores alunos, escolhidos dentre eles. Pela determinação precisa do espaço e a localização dos móveis, os comportamentos das crianças eram, em parte, induzidos e a vigilância facilitada. Edmé-François Jomard (1779-1862), um dos divulgadores do método mutual na França, o resumia assim:

Uma vez que a escola ordena e se adequa a todo mobiliário que lhe é necessário, este não fará mais que inserir os alunos e o professor, colocando em seguida em movimento todas as fontes dessa espécie de mecanismo através de novas práticas.<sup>5</sup>

Esta importância dos materiais pedagógicos, do mobiliário escolar e das disposições das classes foi explicada por um dos fundadores deste método, a quem se deve a autoria de uma das primeiras obras sobre a arquitetura escolar: *Hints and Directions for building, fitting-up and arranging Schools-Rooms on the British System of Education*, publicada em 1811 por Joseph Lancaster. Assim, o Regulamento francês de 1880 introduziu o controle do espaço escolar inventado pelas necessidades do método mútuo, enquanto que este mesmo espaço foi

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes deste Regulamento, consultar artigo desse mesmo dossiê intitulado: *História e Arquitetura Escolar: a experiência dos regulamentos franceses e brasileiros para os edifícios escolares (1880-1910)*, p.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir. Naissance de la prison*, Paris: Gallimard, 1975, p. 145

<sup>5</sup> JOMARD, Edmé-François. *Abrégé de la méthode des écoles élémentaires ou Recueil pratique de ce qu'il y a plus essentiel à connaître pour établir et diriger des écoles élémentaires selon la nouvelle méthode d'enseignement mutuel et simultanée, avec des modèles et des planches*. Paris: Chez L. Colas, 1816, p. 89.

definido pelas exigências do método simultâneo. Aqui vemos como as relações entre os métodos de ensino e a definição do espaço escolar são complexas.

Eu igualmente abordei o papel dos médicos, mas este foi mais decisivo no estudo que realizei sobre as Escolas ao Ar Livre. Foi no final do século XIX que estes profissionais se tornaram necessários ao mundo da arquitetura escolar, como pode ser demonstrado por sua participação na organização dos primeiros congressos de higiene e, particularmente, os de higiene escolar. Além dos pequenos pátios de recreação, eles criticaram a altura das janelas que eram altas, a insuficiência das instalações sanitárias, reduzidas a um ponto de água e quatro banheiros para cem alunos etc. ...

Os médicos reclamavam mais ar e luz, e este debate se agudiza com o fantasma da tuberculose. Em grande parte é a eles que devemos a criação das Escolas ao Ar Livre, além das mudanças da arquitetura escolar pós Segunda Guerra Mundial quando se assinala o abandono dos "palácios escolares" para escolas sem andares e abertas à natureza.

**Revista Linhas:** *Por falar em Escolas ao Ar Livre, em 2007, tive a oportunidade de estar presente à defesa de tese HDR (Habilitation à diriger des recherches), intitulada “Le soufflé du plein air”: La genèse et l’ascendant des écoles de plein air et de leur architecture dans l’Europe du X<sup>xe</sup> siècle<sup>6</sup>, chancelada pela Université Paris IV - Sorbonne, École doctorale Histoire moderne et contemporaine / Centre Roland Mousnier (UMR-CNRS). Na leitura posterior que fiz dos resultados desta pesquisa, várias curiosidades surgiram, dentre as quais, selecionei uma que me parece ser interessante para a ocasião. Seu estudo examinou os edifícios construídos que deveriam funcionar enquanto estabelecimentos educacionais voltados para a prevenção e combate à tuberculose na Europa da primeira metade do século XX. Um conjunto diverso de fontes históricas oriundas de vários arquivos europeus tornou possível, por exemplo, investigar as diferentes interfaces discursivas sobre o tema, extraídas das atas dos Congrès Internationaux des Écoles de Plein Air e das atas dos Congrès Internationaux d’Architecture Moderne, assim como das modernas correntes pedagógicas. A propósito desse arsenal de fontes, poderia esclarecer com maior precisão como se deu sua seleção? Quais os critérios que considerou essenciais para elencá-las como pistas possíveis de interpretação histórica? O que poderia nos esclarecer sobre este aspecto primordial do ofício de historiador que diz respeito ao tratamento metodológico que destina às suas fontes?*

---

<sup>6</sup> Publicada como *Le soufflé du plein air. Histoire d’un projet pédagogique et architectural novateur (1904-1953)*. Genève : Métis Presses, 2011.

**Anne-Marie Châtelet:** A história das Escolas ao Ar Livre tem relação, em parte, com a história do movimento e de seus atores, principalmente os médicos, educadores e arquitetos. Suas etapas são marcadas por cinco congressos sucessivos e contínuos realizados na França (1922), Bélgica (1931), Alemanha (1936), Itália (1949) e Suíça (1953), tanto em regimes democráticos como nos fascistas, apesar das prolongadas crises políticas, dificuldades econômicas e da guerra propriamente dita. Não que eles tenham sido decisivos, mas porque foram uma câmara de ecos dos debates contemporâneos. Por outro lado, este estudo também se centrou nas próprias escolas, abrangendo a França (onde o quadro estava delineado com mais precisão), Alemanha, Holanda, Grã-Bretanha, Itália e Suíça. A tese não se propunha apenas a reproduzir uma série de monografias, mas estabelecer normas, fazer comparações e revelar a multiplicidade das trocas e das especificidades culturais. Trata-se, portanto, de uma história das instituições e dos sujeitos que as conceberam, na qual os edifícios ocupam um lugar central. Algumas análises sobre Escolas ao Ar Livre chegaram a ser publicadas, como as das cidades de Arnhem (Holanda), Saint-Quentin (França), Mannheim (Alemanha) e Swinton (Inglaterra)<sup>7</sup>. Outros permaneceram na fase do projeto, preservados em páginas de revistas ou nas caixas de arquivos. Muitos deles têm sido listados pelos ativistas do movimento. Minha metodologia de abordagem foi de reuni-los, sem qualquer exclusão, justapondo todos os tipos de instalações, que fossem precárias ou mesmo carentes, até edifícios que suscitaram admiração.

Estavam próximos edifícios belos ou de aparência desagradável, barracões sem autoria, também escolas monumentais projetadas por arquitetos talentosos. Não tratei de fazer uma seleção baseada no julgamento estético, muito menos definir o que torna o valor artístico os mais bonitos dentre eles, mas analisar suas qualidades de uso e o valor pedagógico e médico de suas determinações. Minha idéia era questionar em que medida as transformações que foram introduzidas respondiam às exigências médico-pedagógicas, e de que modo elas contribuíram para o desenvolvimento de uma nova estética, e como o peso das restrições do exterior deram origem a certos traços da arquitetura do Movimento Moderno francês. Nesta perspectiva, o papel de todos aqueles que participaram do contexto de definição do projeto do edifício escolar era interessante, especialmente a do médico, do educador e do arquiteto. O tempo de sua confrontação, portanto, é revestido de particular importância.

---

<sup>7</sup> *Moderne Bouwkunst in Nederland*, «Scholen II», n°14, 1933, p. 10-12, 44 ; *L'Architecte*, avril 1932, p. 27-29 ; «Mannheims erste Waldschule» *Die lebendige Stadt*, 1930-31, Heft 1, p. 42 ; «Ecole de plein air à Swinton-Pendlebury», *L'Architecture d'aujourd'hui* n°8 (août 1938) p. 42-44.

Estas minhas investigações foram realizadas principalmente a partir de fontes impressas. Não havia vestígios nos arquivos do Comitê Internacional das Escolas ao Ar Livre, porém, as ações de alguns congressos foram publicadas<sup>8</sup>, bem como documentos, tais como o Boletim, que durante alguns anos, informou sobre suas atividades<sup>9</sup>. O mesmo procedimento foi utilizado para as próprias escolas: estudo baseado em balanços e artigos publicados na época, complementados pelos arquivos de uma associação na França, que apoiou sua expansão, como a da Higiene, por exemplo. A tudo isso, deve ser acrescentado os arquivos de alguns arquitetos e de algumas cidades consultadas para precisar a análise de casos escolhidos por sua característica excepcional ou representativa. Este é o caso dos arcervos de Marcel Lods (1891-1978), um dos dois autores da Escola ao Ar Livre em Suresnes (França), ou de Frankfor-sur-le-Main, uma das cidades onde apareceram de maneira precoce as escolas semelhantes àquelas ao ar livre.

**Revista Linhas:** *O seu artigo, “Essai d’historiographie I: L’architecture des écoles au XX<sup>e</sup> siècle” [Revue de Histoire de l’Éducation (L’architecture scolaire – Essai d’historiographie internationale), n. 102, p. 7-37, mai 2004<sup>10</sup>], oferece grandes traços da escrita da arquitetura da escola primária a partir do exame da produção sobre o tema em diversos países, em especial, Estados Unidos, França, Suíça e Alemanha, entre os anos de 1950-2000. Ao final, é possível perceber que ela foi essencialmente escrita por autores provenientes de duas disciplinas, história da pedagogia e história da arte, depois história da arquitetura – que por um longo tempo consideravam os edifícios escolares um tema marginal. Salvo engano, a maioria dessa produção tratou da história de edifícios, cujos espaços foram propostos, desejados e construídos por administradores, políticos, médicos, professores e arquitetos. Mas permita-me saber sua opinião acerca da importância de investigações que trabalham com o espaço experimentado, percebido e utilizado. Apesar de esta ser uma discussão, aparentemente, de maior atenção entre os sociólogos da educação, como nós, historiadores da arquitetura escolar, podemos tratar de uma arquitetura espacial enquanto experiência do vivido?*

---

<sup>8</sup> Premier Congrès International des Écoles de Plein Air en la Faculté de Médecine de Paris, 24-28 juin 1922. Paris : A. Maloine, 1925, 158 ; Second Congrès International des Écoles de Plein Air. Bruxelles : 6-11 avril 1931. Rapports et comptes-rendus. Bruxelles : Ancienne Librairie Castaigne, 1931, 336 p.

<sup>9</sup> Bulletin du Comité international des écoles de plein air... 1935, 1936, 1939 ; Bolletino Internazionale dell’educazione all’aperto... 1948, 1949.

<sup>10</sup> Traduzido por Marcus Levy Bencostta para a revista História da Educação, ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas, n. 20, p. 7-38, set. 2006. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>.

**Anne-Marie Châtelet:** À questão da arquitetura como "a experiência do vivido", uniu-se às relações entre espaço e educação. Em minha tese, eu a abordei do ponto de vista da regulamentação, isto é, das disposições que o Ministério da Instrução Pública francês impôs aos edifícios escolares. Mas essa abordagem não permitiu descrever o que realmente aconteceu na sala de aula, os métodos utilizados pelos professores, o uso do espaço e do mobiliário, as reações das crianças ... enfim, a vida das escolas. Teria sido necessário recorrer às memórias de professores ou alunos, o que é um gênero raro. Esta dificuldade foi ressaltada por Alain Corbin quando da redação das "*Filles de noce*" e as fontes que ele utilizou. "Quer sejam médicos, policiais, judiciais, elas revelam o controle e, mais especificamente, o 'sistema francês', ou, se preferirmos, regulamentações; o que me impediu de reconstituir as histórias de vida, biografias de mulheres prostitutas e que para as quais a venalidade sexual era apenas uma fase.<sup>11</sup>" A situação aqui é semelhante: os regulamentos são preservados, os testemunhos são raros. No entanto, para aquele que se interessa mais em como fazer arquitetura do que a prática, para um olhar mais arquitetural que antropológico, as regulamentações constituem-se um tema interessante. Elas são, como eu disse, o ponto de contato entre aquele que contrata e o arquiteto, a expressão das exigências pedagógicas a serem cumpridas por este último.

Por ocasião de um colóquio organizado em 2002 pelo Instituto Francês de Arquitetura em parceria com o Ministério da Educação Nacional, eu retomei a questão sobre a ligação entre arquitetura e educação, ou melhor, as razões que me faziam duvidar das relações existentes entre essas duas atividades.<sup>12</sup> A mais evidente dentre estas razões foi dada pelos lugares em que trabalharam os educadores mais famosos do século XX. Se se pensa em Maria Montessori (1870-1952), Célestin Freinet (1896-1966) ou Alexander Neill (1883-1973), a conclusão é a mesma em toda parte: eles ensinaram nos locais mais comuns. C. Freinet mesmo escreveu, o que muitos pensaram, que ele preferia a liberdade de uma "mata livre"<sup>13</sup> à restrição de um espaço precisamente definido. Além disso, a duração de um edifício é, em geral, de várias gerações, quando a evolução das concepções pedagógicas segue um ritmo mais acelerado. É quase impossível considerar a possibilidade de condicionar a construção de um edifício aos usos que são conhecidos efêmeros. Outra dificuldade específica para a França, é a distância que separa os principais atores do momento de concepção das escolas. Em geral

---

<sup>11</sup> CORBIN, Alain. *Historien du sensible*. Paris: La Découverte, 2000, p. 46

<sup>12</sup> CHÂTELET, Anne-Marie. «Architecture et pédagogie. L'école du XIX<sup>e</sup> au XXI<sup>e</sup> siècles». In: *Architecture et pédagogie*. Actes du Colloque organisé par l'Institut Français d'architecture en partenariat avec le ministère de l'Éducation nationale. Paris: Direction de la programmation et du développement, 2002, p. 28-38.

<sup>13</sup> FREINET, Elise. *L'école Freinet, réserve d'enfants*. Paris: Maspero, 1974, p. 65.

a equipe pedagógica que ocupará os locais não está nomeada quando o projeto está em curso de elaboração, por isso, não é possível ao mestre de obra encontrá-la. Mais genericamente, a gestão das casas de escola e, portanto, a contratação dos arquitetos pertence à comuna<sup>14</sup>, enquanto que para os professores é o Estado que os emprega. Assim, não há oportunidade para promover seu encontro, e o mesmo acontece para os colégios e liceus. Finalmente, há uma rigidez inerente à forte centralização: todos os estabelecimentos devem propor um curso e uma formação semelhante. A experiência não é bem aceita no campo pedagógico, como pensa Roger Cousinet (1881-1973), ela não pode ter lugar nas margens, como no caso das Escolas ao Ar Livre, ou fora da instituição, portanto, sem grandes meios materiais e, muitas vezes, sem capacidade de construir.

O estudo que eu acabo de concluir sobre as Escolas ao Ar Livre me fez reconsiderar estas conclusões. Ele mostra como o papel dos professores foi decisivo sobre a evolução da arquitetura escolar na Alemanha durante as duas guerras. As relações entre o arquiteto Ernst May (1886-1970) e o educador Rudolf Keller (1878-1961), ambos funcionários do município de Frankfurt, possibilitaram o nascimento de uma geração de escolas inovadoras, construídas entre 1928 e 1930. Os relacionados à Bruno Taut (1880-1938) e Fritz Karsen (1885-1951), deram origem ao projeto carro-chefe da Dammwegschule em Berlim (1927-1928) que tiveram uma influência significativa na continuação. A célebre proposta de Hans Scharoun (1893-1972) para as Entrevistas de Darmstadt, em 1951, não teria sido possível sem a vivacidade do debate educacional, 30 anos antes... Essas relações foram intensas e frutíferas em países onde a experimentação foi possível. Assim, para a Suíça, Alemanha, Holanda, Inglaterra ... foi necessário voltar-se. Além disso os professores não falam muito sobre a arquitetura das escolas onde trabalham, muitos até a desprezam. Certamente, haveria mais a dizer sobre esse desinteresse que explorar a formulação de disposições que eles achariam ideais. Não se pode abordar esse tema de maneira frontal, mas o estudo de caso me parece um caminho promissor. Através de intercâmbios entre educadores e arquitetos no desenvolvimento do projeto, podemos analisar como as sugestões e críticas de uns levaram algumas interpretações e desenhos de outros, como as disposições das escolas trazem os traços dessas discussões. Oferecendo um mergulho nos arquivos de onde surgem os ecos de tais diálogos, tais pesquisas podem revelar algo sobre as relações que foram tecidas entre as concepções de educação e as configurações espaciais. Elas farão, provavelmente, também ouvir as vozes de outros sujeitos, tais como, médicos, e conduzirão a esse tipo de história da

---

<sup>14</sup> Unidade básica de organização territorial da França.



arquitetura que empreendeu Andrew Saint para descrever as colaborações entre arquitetos e engenheiros. "O melhor que podemos fazer, escreve ele, é escolher algumas relações mais interessantes que outras, felizes ou infelizes<sup>15</sup>." Expor a gênese dos projetos selecionados em países ao nosso redor, que nós suspeitamos que eles vêm de relações interessantes entre arquitetos e educadores, é um caminho provavelmente fecundo para lidar com a natureza das relações entre arquitetura e educação.

Esta maneira de abordar este assunto através de estudos de caso, seria inovadora, como mostra o balanço historiográfico estabelecido para a *História da Educação*. De fato, entre os autores dos estudos revisados, existem dois grupos de historiadores: alguns estão interessados nas disposições materiais dos edifícios, muitas vezes, como parte da cidade, outros, na história das instituições e das idéias, nos limites temporais e geográficos mais amplos. Mas a maioria daqueles que abordaram a história das relações entre espaço e educação é do segundo, muito marcado pela publicação de Vigiar e Punir, em 1975, e pelo objetivo de Michel Foucault, de considerar o espaço como um problema "histórico-político" objetivo que ele claramente explicou em uma entrevista com Jean-Pierre Barou e Michelle Perrot :

*É necessário escrever toda uma história dos espaços que seria, ao mesmo tempo, uma história dos poderes - desde as grandes estratégias da geopolítica às pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico- políticas.<sup>16</sup>*

Seus trabalhos, portanto, analisaram a maneira como o poder era exercido através dos arranjos espaciais da classe, como fez, por exemplo, Dell Upton para as escolas lancasterianas<sup>17</sup>. No entanto, este poder não se exerce sem que qualquer oposição se manifeste, como observou M. Perrot na mesma entrevista:

*O discurso penitenciário se desenrola como se não houvesse ninguém na frente dele, senão uma tabula rasa, senão pessoas para reformar e rejeitar, em seguida, no circuito de produção. Na realidade, existe um material - os detentos - que resistem muito.<sup>18</sup>*

---

<sup>15</sup> ANDREW, Saint. « Architecte et ingénieur : miroir d'une dualité humaine ? », *eaV* n°11 (2005-2006), p. 45.

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2005, p. 192

<sup>17</sup> UPTON, Dell. « Ecoles lancastériennes, citoyenneté républicaine et imagination spatiale en Amérique au début du XIX<sup>e</sup> siècle » In: CHÂTELET, Anne-Marie et LE CŒUR, Marc. « L'Architecture Scolaire. Essai d'Historiographie Internationale », numéro spécial de la Revue *Histoire de l'Éducation*. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique, n°102, 2004, p. 87-108.

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2005, p. 205.

Se existe uma história dos espaços como lugar de poder, também há uma como lugar de resistência a esse poder. Esta história se manifesta, não só através do seu uso, mas também, através de sua concepção. Estudar as colaborações que levaram à realização de algumas escolas seria colocar em evidência as oposições e as inovações introduzidas pelo modelo imposto durante o processo de concepção dos edifícios escolares, e se interrogar sobre seu legado.

**Revista Linhas:** *Para finalizar nossa conversa, deixo a colega à vontade para apresentar uma pequena mensagem de motivação aos investigadores brasileiros interessados no campo de pesquisa da história da arquitetura escolar.*

**Anne-Marie Châtelet:** Hoje que este campo de investigação se ampliou e que se dispõe de uma visão panorâmica sobre a evolução da arquitetura escolar, acho que é interessante olhar para os estudos de caso. Como eu já sugeri, essa "micro-história" permite abordar com precisão as relações entre os diversos atores que estão por detrás desta arquitetura, no intuito de entender o que na escala de estudo de uma cidade ou país permanece inacessível. Ela permite compreender uma realidade que escapa aos estudos institucionais. Isso me parece um caminho a seguir, mas não é o único. Como escrevi em meu balanço historiográfico sobre a arquitetura escolar, parece que não há uma única maneira, ou espera-se, de escrever a história dos edifícios escolares e que em torno desse objeto comum surgiu uma variedade de abordagens que criou sua diversidade e sua riqueza.

**Recebido em:** março de 2011  
**Aprovado em:** maio de 2011